

# O VALOR DAS NARRATIVAS FEMININAS NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Marília Balbi Silveira

*Estudante de doutorado do Programa Mudança Social e Participação Política- EACH - USP*

mariliabalbi@usp.br

## Resumo

O ensaio analisa como as narrativas femininas sobre sofrimentos emocionais revelam elementos de estrutura social e processos de subjetivação, observando que, apesar de avanços socioculturais e políticos, os laços amorosos mantêm centralidade psíquica para muitas mulheres. O texto propõe articular discursos socioculturais e a psicanálise freudiana para investigar os mecanismos subjetivos envolvidos, por meio de método qualitativo teórico-bibliográfico. A psicanálise é apresentada como aporte teórico-conceitual. O texto também incorpora autoras feministas e análises sobre trabalho reprodutivo e a mercantilização dos corpos. Ao expor consequências históricas, discute a naturalização da feminilidade e o controle patriarcal; os textos evidenciam investimento de cuidados em detrimento de si e sintomas como depressão e ansiedade. Critica-se a medicalização e a deslegitimação dos relatos femininos na prática médica, e com passagens literárias e musicais ilustra essas experiências e representações. Por fim, o trabalho defende reconhecer as narrativas femininas como fontes legítimas de conhecimento, propõe compreender as sutilezas da sujeição relacional e ampliar reflexões aplicada ao feminino.

**Palavras-chave:** narrativas; subjetivação; feminino

## Abstract

The essay analyzes how women's narratives about emotional suffering reveal elements of social structure and processes of subjectivation, noting that, despite sociocultural and political advances, romantic bonds maintain psychic centrality for many women. The text proposes articulating sociocultural discourses and Freudian psychoanalysis to investigate the subjective mechanisms involved, through a qualitative theoretical-bibliographic method. Psychoanalysis is presented as a theoretical-conceptual framework. The text also incorporates feminist authors and analyses of reproductive labor and the commodification of bodies. By exposing historical consequences, it discusses the naturalization of femininity and patriarchal control; the texts highlight the investment of care to the detriment of oneself and symptoms such as depression and anxiety. It criticizes the medicalization and delegitimization of women's accounts in medical practice, and, through literary and musical passages, illustrates these experiences and representations. Finally, the work argues for recognizing women's narratives as legitimate sources of knowledge, proposes an understanding of the subtleties of relational subjection, and broadens reflections applied to the feminine.

**Keywords:** narratives; subjectivation; feminine

## Introdução

Apesar dos significativos avanços socioculturais e políticos conquistados pelas mulheres nas últimas décadas - marcados pelas inserções no mercado de trabalho, pelo acesso à educação, pelos direitos garantidos na Constituição e por novas legislações - observa-se que os laços amorosos, para algumas mulheres, continuam ocupando um lugar central na vida psíquica. Essa posição de centralidade ou mesmo de conciliação

entre relacionamento amoroso e outros aspectos da vida pode se apresentar como fonte de sofrimento e conflito subjetivo, expressando a contradição entre autonomia social e dependência afetiva.

As cenas de angústia limitantes em resultado de experiências amorosas frustradas que recolho da escuta clínica enquanto psicóloga, me chamam muito a atenção, especialmente por ocorrerem no momento histórico em que vivemos: ano de 2025, marcado por conquistas políticas e sociais em direção aos direitos das mulheres. Junto a isso, há um aumento significativo de figuras femininas de sucesso para inspiração de outras mulheres, ultrapassando as figuras tradicionais da boa mãe, da trabalhadora ou dona de casa e das limitadas possibilidades femininas há 50 anos. Ainda assim, é curioso observar a quantidade de narrativas na clínica por mulheres que condicionam sua satisfação e investimento emocional exclusivamente à validação de suas parceiras amorosas. São relatos sobre seus sentimentos de ciúmes e inseguranças em suas relações amorosas, relações marcadas por constante quebra de lealdade e fidelidade e o sentimento de devastação experimentados em termos das situações amorosas, que as levam a buscar ajuda profissional. Não estou insinuando que mulheres mais bem sucedidas socialmente não têm o direito de sofrer, ou que mulheres com menos êxito deveriam sofrer mais.

Meu ponto é que, em algum momento passei a apostar que a conscientização sobre classe, gênero, e uma perspectiva crítica social poderiam proteger ou minimizar esses sofrimentos, já que, na minha dedução, elas teriam mais áreas da vida para seus investimentos libidinais. Contudo, a realidade na clínica não reflete isso.

Esse ensaio justifica-se pela proposta de compreender as narrativas pelas quais, mesmo em um cenário contemporâneo marcado por avanços emancipatórios, as rupturas amorosas ainda resultam em intensos quadros de sofrimento e produzem consequências significativas nos processos de subjetivação das mulheres. Tal contradição dá notícias que a emancipação social não garante, por si só, a transposição de amarras subjetivas enraizadas em estruturas afetivas historicamente construídas. Essa problemática requer uma abordagem que articule os discursos sociocultural - que moldam os ideais afetivos e a construção dos modos de vida - com a perspectiva da psicanálise, capaz de oferecer ferramentas teóricas para a investigação dos mecanismos implicados na constituição do sujeito.

Ao tensionar as narrativas contemporâneas sobre relacionamentos, autonomia e o feminino, este texto tem como horizonte refletir sobre o sofrimento psíquico gerado por formas sutis de sujeição relacional nos vínculos afetivos. Pretende-se evidenciar como as estruturas simbólicas e os elementos do inconsciente operam na subjetivação feminina na contemporaneidade.

Nesta direção, pode-se localizar e compreender os comportamentos derivados da contradição entre liberdade e os limites impostos pelas compreensões culturais psíquicas, e contribuir com as reflexões no campo da saúde mental e da psicanálise aplicada ao feminino, pois ao lançar luz sobre as rupturas amorosas que provocam sofrimento muito intenso e que, muitas vezes, não é nomeado ou validado, avança-se no debate do tema. Esta análise qualitativa caracteriza-se como um estudo teórico bibliográfico, que dialoga com as questões sociais atuais.

A psicanálise apresenta-se como aporte teórico-conceitual, dotada de sentido interdisciplinar, que possibilita constatar, por meio da escuta das narrativas, as saídas particulares que cada sujeito inventa para lidar com suas angústias e sofrimentos. A teoria psicanalítica foi desenvolvida ao final do século XIX por Sigmund Freud. Como homem de seu tempo, não podemos dissociar a criação da teoria de seu contexto sócio-histórico, marcado por valores misóginos. Entretanto, a partir de suas ideias,

importantes avanços na psiquiatria e na psicologia se tornaram possíveis, pois deram visibilidade ao sexismo e às relações de gênero de sua época.

As especificidades sobre o feminino foram cruciais para que Freud estabelecesse os pontos estruturantes da psicanálise. Foi a partir da escuta de mulheres históricas que ele passou a suspeitar que a “doença” da mulher, poderia ser, na verdade, um adoecimento relacional, gerando sintomas a partir da posição de submissão que ocupavam (VALDIVIA, 1997). No entanto, paradoxalmente, Freud acaba por escrever pouco sobre a sexualidade feminina.

Ao trabalhar com fontes desta natureza, assume-se que a pesquisa reconhece a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, e em constante processo de autoconhecimento (ABRAHÃO, 2003). “Por esta razão, sabe-se, desde o início, que se está trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo” (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

O resgate da experiência, a compreensão de que o pensamento ou a prática que ordenam a vida das pessoas comuns, das pessoas artistas, assim como os conhecimentos ancestrais - muitas vezes vítimas daquele já citado epistemicídio denunciado pelos estudos decoloniais - trazem, em si, a sabedoria que pode nos ajudar a organizar aquilo que queremos comunicar ou desvendar e que nos levaria, a partir daí, a fazer pesquisa acadêmica (VELARDI, 2018, p. 52).

Segundo Denzin apud Abrahão (2003, p.81), “As pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem”. E ainda, segundo Ferrarotti (1991), cada indivíduo não totaliza diretamente uma sociedade, mas, por meio de seu contexto social em seus pequenos grupos, que atuam como agente sociais, é possível compreender o todo.

Com esta tradição de pesquisa, não se pretende estabelecer dados estatísticos e generalizações. O intuito será compreender o fenômeno em foco, “que pode até permitir uma generalização analítica” (ABRAHÃO, 2003, p. 80). Assim, este método se propõe a valorizar a escuta sensível e a potência das narrativas singulares como caminho de produção de conhecimento.

Cabe aqui registrar a importância das escolhas e do enquadramento adotado para o texto, bem como a precisão metodológica que sustenta a opção por evidenciar a perspectiva das mulheres a serem registradas e analisadas, dado o relevo do contexto histórico-social e da posição que estas ocuparam e ocupam diante de homens.

Compreendemos a mulher enquanto semblante – um modo de ser na relação com o Outro. Uma representação que sustenta a relação do sujeito com a lei simbólica, funcionando como um suporte que organiza a experiência subjetiva. Conceito defendido pelas ideias da psicanálise lacaniana. Lacan foi um psicanalista que se propôs a reinterpretar as formulações de Freud.

Essa decisão metodológica parte do entendimento de que as desigualdades estruturais modulam tanto a vivência quanto a elaboração do sofrimento. No entanto, essa ênfase não implica apontar que os homens não são acometidos por sofrimentos, também intensos, em decorrência de suas rupturas e lutos amorosos. Mas sim, implica em reconhecer que as condições e significações desses sofrimentos diferem em decorrência dos lugares de gênero. Desta maneira, a escolha pela centralidade de relatar sobre mulheres ancora-se na constatação de um histórico desigual na produção de conhecimento, marcada pela predominância da perspectiva masculina e consequente marginalização das experiências femininas.

## Fundamentação Teórica

As produções teóricas feministas sobre questões de gênero, vêm, há décadas, destacando as diferentes compreensões e interpretações entre homens e mulheres, bem como as profundas consequências dessas desigualdades para a organização social e para as subjetividades envolvidas.

Meninos e meninas crescem num mundo dividido: de um lado os homens, livres, independentes, ativos, fortes, agressivos; do outro, as mulheres, servis, dependentes, passivas, frágeis, impotentes e dóceis. Desde os primeiros anos de sua infância, a menina aprende a conter-se e a ênfase posta em sua aparência física a leva não só a acertar-se, mas a cultiva-se como objeto (GUTIEREZ, 1985, p.19).

O feminismo denuncia os pressupostos segundo os quais as mulheres devem ser definidas por seus “corpos” valorizando o sacrifício de servir aos outros e almejando a função de servidão doméstica e sexual aos homens, assim como a função de produtoras de soldados para Estado (FEDERICI, 2023). “...nossa tarefa como feministas não é dizer a outras mulheres quais formas de exploração são aceitáveis, mas expandir nossas possibilidades para que não sejamos obrigadas a nos vender de nenhuma forma” (FEDERICI, 2023, p. 49).

Já Chimamanda Ngozi Adichie, autora feminista nigeriana, em seu livro: *Sejamos Todos Feministas*, nos convida a notar que há alguns padrões emocionais negativos em mulheres. Por exemplo, a baixa autoestima e a autoimagem depreciada estão para além de reações emocionais espontâneas, e parecem ser parte de um perverso projeto histórico social que valida e investe nesses comportamentos, já que essas reações emocionais são configurações pré-determinadas nas interações sociais e contextos culturais dados.

Segundo Chimamanda, “Criamos nossas filhas para enxergar outras mulheres como rivais não em questões de emprego ou realizações, o que na minha opinião poderia ser até bom, mas como rivais da atenção masculina” (ADICHIE, 2015, p. 34). Sobre estética: “a verdade é que, quando se trata de aparência, nosso paradigma é masculino” (ADICHIE, 2015, p.40). Para Federici, “...estamos acostumadas a medir nosso valor pelo modo como agradamos ou não aos homens” (FEDERICI, 2023, p. 46).

Segundo Kehl (apud Zanello 2018), com o fortalecimento do capitalismo, da família nuclear e do lar burguês, foi instituído um lugar específico para algumas mulheres. E um padrão de feminilidade foi forjado e sobrevive até hoje. Para a autora, essa feminilidade está em função, nos moldes modernos, de uma posição feminina que sustenta a virilidade do homem burguês.

A partir de 1980, o feminismo encabeçado por Judith Butler passa a questionar e se atentar para os porquês e a como a diferenciação entre homens e mulheres começa a funcionar de determinadas maneiras. Gênero passa a ser compreendido enquanto conceito relacional e implicado necessariamente com relações de poder e sempre mediado pela cultura. Em nossa cultura ocidental moderna binária, tornar-se homem ou tornar-se mulher, portanto, é uma forma que obriga o corpo a se encaixar numa forma histórica, sobre o que é ser homem ou ser mulher.

A autora do livro *Breve história do feminismo*, Carla Cristina Garcia (2015), propõe que as mulheres comecem a se dar conta das mentiras que lhes foram contadas:

Supõe dar-se conta das mentiras -pequenas ou grandes- que a história, a cultura, a economia, os grandes projetos, os pequenos detalhes do cotidiano estão alicerçados. Supõe enxergar os micromachismos, as pequenas manobras realizadas por muitos homens todos os dias para manter sob seu poder as mulheres e a estafa que supõe manter duplas ou mais jornadas de tarefas. Ser consciente de que estamos infrarrepresentadas na política e ver como a mulher é coisificada dia a dia na publicidade (GARCIA, 2015, p. 14)

Segundo a autora, às mulheres restam a ambição de encontrar o melhor marido, o melhor casamento e criar os melhores filhos. Esta condição anuncia a rivalidade entre mulheres, tornando-as competidoras entre si. Para Gutiérrez, a alienação dessa consciência resultou na diáspora das mulheres, afastando-as umas das outras, e as aproximando de seus maridos, os principais interessados nessa alienação. “... a família patriarcal capitalista operou a diáspora das mulheres, substituindo a possível identificação de umas com as outras pela identificação apenas subjetiva de cada uma com seu homem” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 50).

Nas gerações passadas encontramos os agressivos traços destinados à ordem estrutural da sociedade, na qual as mulheres estavam submetidas e subjugadas ao poder de seus pais, maridos e do Estado. Quando eram mulheres brancas, estas eram condicionadas a se tornarem esposas afáveis, mães dedicadas e cuidadoras domésticas dedicadas; quando mulheres pretas, além das funções anteriores, ainda lhes eram atribuídas a responsabilidades adicionais de serem trabalhadoras subjugadas e, preferencialmente, agradecidas pela posição que lhes foi dada.

Nesse contexto do passado, dado todo o investimento de energia gasto pelas mulheres por serem vistas, úteis e desejáveis, soa compreensível a dor intensa causada por uma negativa relacional amorosa, já que isso representaria também seu declínio em posição social, condição econômica e acesso a recursos.

Silvia Federici, em seus livros *Calibã e a Bruxa* e *Além da Pele*, analisa e ilumina como a posição das mulheres na sociedade não foi um produto aleatório, mas sim, o resultado de um duplo processo de mercantilização, da disciplina do trabalho remunerado e não remunerado, e de seus corpos transformados em objetos sexuais e máquinas reprodutoras. Um projeto político social de organização das hierarquias, no qual o trabalho reprodutivo e de cuidados não remunerados das mulheres foi uma parte estruturante para o acúmulo de capital. “Um dos principais projetos do capitalismo foi a transformação de nosso corpo em máquinas de trabalho” (FEDERICI, 2023, p. 21). Ainda segundo a autora, a feminilidade também foi um produto do patriarcado e do capitalismo, que serviu aos objetivos de produção. Para Federici (2023), a naturalização do que é a feminilidade reduz as chances de recuperação da criatividade de nossas experiências.

A caça às bruxas foi um dos eventos primordiais para o desenvolvimento da sociedade capitalista e da formação do proletariado moderno, pois debilitou com eficácia um grupo de resistência. Além disso, também foi um elemento fundamental na construção da ordem patriarcal, pois seus corpos, seu trabalho e sua capacidade reprodutiva foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos. “Por meio da perseguição às “bruxas”, as mulheres que desejavam controlar a própria capacidade reprodutiva foram denunciadas como inimigas das crianças e, de diversas maneiras, submetidas a uma demonização que persiste até hoje” (FERERICI, 2023, p. 27).

As mulheres foram silenciadas tanto pelo colonialismo como pelo patriarcado. Houve sempre alguém em posição de poder para falar por elas e assim elas nunca puderam se representar (SPIVAK, 2013).

A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que ao lado da "desbocada", da "bruxa", e da "puta", era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas" (FEDERICI, 2004, p.184).

Segundo Federici, além das escravizadas, que eram abusadas sexualmente e cujos filhos seguiam no sistema de escravização; as mulheres livres foram submetidas à procriação involuntária e o controle estatal de seus corpos a partir da criminalização do aborto. O acúmulo de capital dependeu e depende diretamente do trabalho humano, que mobilizado pela desigualdade social, resulta na intensa exploração dos trabalhadores. Dessa forma, interessa ao Estado o domínio sobre os corpos das mulheres.

## Desenvolvimento do tema

...

*Havia sempre alguém para cuidar,*

*Alguém eu não ela,*

*Alguém que não precisava,*

*Mais que ela,*

*Outra prioridade.*

(Nina Zorbarzo – A Força)

Esse trecho do poema se aproxima muito de uma anotação em portuário. As narrativas das mulheres trazem com frequência o discurso do constante investimento de cuidados destinados aos outros, muitas vezes em detrimento de si mesmas.

É necessário evidenciar que a utilização do termo "mulheres" enquanto uma categoria analítico-política feminista é necessária, levando em conta a diversidade de experiências que o rótulo engloba. "Mulheres" enquanto uma construção socialmente estabelecida. Para além das noções de performance de gênero – que deixariam de lado os séculos de restrições e regras impostas em prol de uma suposta natureza feminina - a mulher aqui é entendida enquanto sujeito político, que carrega consigo as atribuições historicamente construídas das relações de poder, de subordinação e de exploração (FEDERICI, 2023). Foi imposta às mulheres uma coação gerada por formas específicas de exploração e punição, com o gênero funcionando como uma classificação de processo disciplinar.

Mulheres de diferentes contextos sociais, diferentes condições econômicas, fenótipos variados e orientações sexuais distintas parecem carregar marcas comuns em seus desenvolvimentos: cicatrizes que geram dores sempre que há impossibilidade de serem vistas e validadas pelo Outro, isso pode resultar em sintomas de profundo sofrimento e, em alguns casos, em despersonalização.

Seus discursos frequentemente partem da dúvida sobre o próprio juízo de valores em determinadas decisões, da descrença em suas próprias opiniões, ou, ainda, de uma raiva e de um ressentimento não (inicialmente) localizados. Em momentos como estes,

especialmente quando o fator central de suas dores são as desavenças amorosas, essas mulheres inseguras sobre si passam a ser cercadas por “agentes” de fiscalização em “saúde mental” – pessoas que, num tom próximo ao de manuais de autoajuda recriminam-nas por atribuírem tanto valor a suas parceiras amorosas. Defendem, como o caminho certo, a chamada “elevação da autoestima”, atenção voltada para si e sua autovalorização, como se estas palavras promovessem soluções universais imediatas e mágicas aplicabilidades.

Nessa lógica, essas mulheres não apenas se veem frustradas, mas também se sentem culpadas por não serem capazes de alcançar sua própria salvação emocional. Não raro, elas chegam aos consultórios de psicologia com sintomas depressivos e ansiosos.

As relações de poder presentes nos relacionamentos amorosos, somadas aos elementos socioculturais e sobrepostos a seus repertórios psíquicos individuais, parecem produzir um abismo quase intransponível para a tentativa de salvação subjetiva, e os sintomas surgem.

Para as mulheres das gerações passadas, ensinava-se “os silêncios”, e estes levam ao adoecimento psíquico. Quando se trata de relacionamentos heterossexuais, o preço a pagar pela manutenção de uma relação era o silêncio, pois a elas foi atribuída a responsabilidade de ter o relacionamento amoroso com um homem e, principalmente, de mantê-lo. São valorizados os comportamentos de retenção e de não expressão, principalmente dos sentimentos de raiva e ódio. A única agressividade aceitável é a autoagressividade, como o choro prolongado e a autocompaixão (ZANELLO, 2018). O dispositivo amoroso ensinou às mulheres a lidarem com a falta de compromisso emocional masculina, pois elas se subjugam a partir do olhar do homem que as escolheu e as tomou com consorte, e elas eternamente deverão cumprir o débito conjugal.

De um lado, o constante e persistente incentivo social para que as mulheres estabeleçam relacionamentos amorosos, e de outro, a expectativa cruel de que elas sejam capazes de lidar com a absoluta autossuficiência perante as frustrações que as rupturas de vínculos que algumas relações produzem.

Escolhi o trecho de música *Maria Maria*, que, assim como o poema no início do texto, poderia ser um compilado poético das narrativas das mulheres entrevistadas. A música foi composta por Fernando Brant e Milton Silva Campos Nascimento e lançada em 1978. Segundo os compositores, a letra foi escrita inspirada em uma mulher que realmente existiu. Ela cuidava dos filhos sozinha e sobrevivia com muita dificuldade. Essa música foi considerada pela indústria do ramo, como o símbolo de luta e amor em tributo às “Marias de todo Brasil”.

*Maria, Maria, é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta*

*Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida*

(NASCIMENTO e BRANT, 1978)

A letra desta música expressa a necessidade de a mulher se manter forte e firme em suas responsabilidades, apesar de seu sofrimento e dificuldades. A escolha de palavras como “gana”, “fé” e “magia” aproxima a figura da mulher (todas as que carregam a marca) de alguém predestinada a suportar, tolerar e, sobretudo, transpor o que seria intangível como um “dom”.

A idealização da “virtude feminina”, estimulada às mulheres da classe média até o final do século passado, conduzia as mulheres aos ideais da maternidade e do amor, mas mascarava o real intuito: o trabalho de cuidados não remunerados (FEDERICI, 2023). Esse mecanismo é parte de uma estratégia histórica de controle social, que perpetua desigualdade mesmo sob a aparência de progresso e emancipação.

Freud frequentemente recorreu às narrativas impressão na literatura para fundamentar suas teorias psíquicas. As artes, assim como a psicanálise, por vezes revelam conteúdo ocultos, elucidativos, obscuros, e conflitantes dentro de nós. “Poetas e romancistas, para Freud, são preciosos, por anteciparem o que os psicanalistas acabam por revelar” (BARROS, 2018, p. 12). Para ele, os escritores criativos se localizam adiante de nós no conhecimento da mente. Freud (1906/1973) apud Poli (2009, p. 438) “...os elementos nos quais o poeta antecipa percursos ainda inexplorados pelos psicanalistas”. A literatura, sob essa perspectiva, funciona como um sintoma que apresentamos na busca por nos compreendermos.

Quando o tema é a dor, do ponto de vista psicanalítico, não há distinção entre dor física e dor psíquica. Ao nos aproximarmos da obra singular de Clarice Lispector, torna-se evidente a potência artística no alcance das profundezas da psique. Artistas, como verdadeiras antenas sensíveis, são capazes de captar e expressar aquilo que, por vezes, levamos muito tempo para conseguir elaborar. “Eu não disse tudo, / ainda há uma coisa mais forte do que a dor/ que é a vontade de não perder” (LISPECTOR, 2018, p.42). Clarice Lispector foi uma das escritoras mais importantes e originais da literatura brasileira do século XX. A autora escreve como mulher, e não sobre mulher, o que faz com que suas histórias alcancem algo original e comunica sobre as experiências femininas.

Uma sociedade racista, colonial e patriarcal tende a repetir e incentivar as narrativas com essas mesmas características que, por sua vez, refletirão e induzirão a permanência dos seus interesses políticos (VELARDI; LONGANO; ANJOS; SILVEIRA; MATSUO, 2023).

A busca, então, por conhecer e produzir novas epistemologias passa a ser nossa tarefa como consequência de quem somos e da necessidade de podermos continuar sendo quem somos. E isso significa que muitas vezes fomos e somos violentadas ao apresentarmos nossas pesquisas, através de comentários que nos silenciam, de definições dos nossos estudos como desviantes, opinativos, experimentais e não científicos (VELARDI; LONGANO; ANJOS; SILVEIRA; MATSUO, 2023, p. 108).

As narrativas femininas, quando compreendidas como dispositivos de construção de conhecimentos, revelam dimensões singulares sobre as experiências das mulheres. A

negativa dessa escuta, significa perpetuar invisibilizações e negligências que impactam nos cuidados em saúde, bem-estar físico e vida social.

Em um estudo publicado na *Scandinavian Journal of Psychology* em 2019, foi revelado que as mulheres são mais frequentemente diagnosticadas com síndromes inexplicadas, refletindo o viés de gênero nas avaliações médicas. Segundo os pesquisadores há uma tendência a desacreditar da autenticidade dos sintomas relatados por mulheres, “...nossos resultados indicam a prevalência de um estereótipo de que a dor das mulheres provavelmente não tem explicação médica” (CLARÉUS; RENSTRÖM, 2019, p.344 - tradução livre). Desta forma, o artigo destaca que o gênero exerce uma influência significativa tanto na avaliação diagnóstica quanto no manejo contínuo de pacientes.

Federici (2023), destaca que a mobilização em torno dos cuidados com o corpo das mulheres é organizada de cima para baixo, como as diversas maratonas para tratamento do câncer de mama, por exemplo, mobilizando ações e doações, porém “sem nos ajudar a expandir nosso conhecimento sobre o que pode ser feito para prevenir a doença” (FEDERICI, 2023, p. 88).

A avaliação clínica em saúde mental parece estar forjada em uma observação, de forma diferenciada segundo os gêneros, de acordo com visões não críticas apoiadas em dispositivos sócios historicamente construídos. Nesta direção, temos a manutenção do comportamento das mulheres sob vigia e controle, resultado em comportamentos por vezes alienados e alienantes, enquadrados em uma perversa patologização a ser medicada e “terapeutizada”.

Silvia Federici (2023), afirma que a psicologia atualmente, enquanto área de atuação profissional, ainda que com algumas abordagens críticas em algumas disciplinas da formação, continua sendo cúmplice do poder. “A psicologia mostrou ser capaz de se transformar e reconhecer a subjetividade dos sujeitos que estuda. Mas não encontrou coragem para romper com o poder” (FEDERICI, 2023, p.120). A autora indica que os psicólogos são responsáveis por suas omissões, quando não criticam a organização capitalista como patogênica, nem a disciplinarização do trabalho, e interpretam a revolta contra o sistema como anormalidade a ser sufocada.

Segundo Valeska Zanella, doutora em Psicologia Clínica, em seu livro *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos*, “as emoções quase sempre ocorrem em interações sociais e relações” e que desta forma, “o contexto social constitui, molda e define as emoções” (ZANELLO, 2018, p. 36). E, ainda, “A “loucura” poderia aqui ser compreendida como uma comunicação desesperada de falta de poder, interpretada sob um prisma gendrado /moral acrítico” (ZANELLO, 2018, p. 24). A autora descreve que a incidência dos transtornos mentais mais comuns, como ansiedade e depressão, é mundialmente bem maior entre mulheres, indivíduos economicamente marginalizados e pessoas com status social de relativa falta de poder.

A psiquiatria, de forma tendenciosa, classificou o exercício da sexualidade feminina em extremos- ou com excessiva volúpia, ou sem nenhuma - estigmatizando as mulheres como loucas, justificando assim a ampliação de tratamentos severos. É inviável compreendermos os sofrimentos advindos dos relacionamentos heterossexuais sem considerarmos o dispositivo materno e o dispositivo amoroso (ZANELLO, 2018).

O capítulo de livro: *Nosso País, Nosso Lugar de Fala* (VELARDI; LONGANO; ANJOS; SILVEIRA; MATSUO, 2023), anteriormente mencionada neste ensaio, relata como as artistas-pesquisadoras realizaram produções de performances de dados a partir das pesquisas baseadas nas artes. Elas trazem para cena inspiração de narrativas coletadas em entrevistas com mulheres. Em uma de suas apresentações artísticas, a produção conta com a música de Elsa Soares: *Mulher do fim do Mundo*, e o poema de Clarice Lispector: *Se eu fosse eu*, textos artísticos dotados de profunda expressividade feminina. Este trabalho investiu no valor da escuta do que as mulheres têm a relatar

sobre si, seguido pelo registro da potência destes discursos quando expressos para outras pessoas nas plateias. As pesquisadoras registraram o quanto ficou evidente que as mulheres ao assistirem as narrativas, saíam da sessão extremamente tocadas, genuinamente representadas e reflexivas sobre suas realidades. Destacam a preciosidade de produções quando mulheres estão no centro da produção de conhecimentos sobre si.

Foram cerca de oito semanas de encontros e diálogos sobre como esses testemunhos surgiram da reflexão individual e nos conectaram com outras mulheres, assim como a pergunta feita por Clarice Lispector [se eu fosse eu, quem eu seria]. Diferente do início de *Tra-vestidas*, no qual milhares de mulheres se reuniam em torno de denúncias de abuso, dávamos agora um passo além. Neste processo, realizamos uma mudança de foco, como nos alerta a feminista anarquista boliviana María Galindo, no qual paramos de falar de nossos abusadores, para olharmos para nós mesmas (Galindo, 2013). Definitivamente, nos colocamos no centro da narrativa. (VELARDI; LONGANO; ANJOS; SILVEIRA; MATSUO, 2023, p. 113 e 114)

Essa dinâmica de sujeição das mulheres, evidencia que nossas atuais estruturas de compreensão em saúde desconsideram as experiências femininas como legítimas, reforçam a medicalização e fragmentam o corpo das mulheres. A cultura médica androcentrista opera em desacordo com as reais necessidades das mulheres, deslegitimando seus relatos e impondo protocolos que não contemplam a complexidade do corpo e da subjetividade feminina. As abordagens reducionistas mantêm as mulheres reféns de diagnósticos imprecisos e tratamentos padronizados, dificultando o alcance a uma saúde integral e, principalmente, emancipatória.

## Conclusão

As reflexões aqui propostas reforçam a importância de reconhecer a experiência feminina como legítima, promovendo a análise da memória, da narrativa e da subjetividade das mulheres e os potenciais processos de ressignificações.

As narrativas femininas decorrentes de sofrimentos emocionais corroboram com padrões literários, mostrando que a vida confirma a arte e a arte registra a vida.

Essas narrativas funcionam como instrumentos de compreensão e elaboração da subjetividade, dando visibilidade a sofrimentos historicamente marginalizados. Mesmo em contextos de avanços emancipatórios, persistem formas sutis de sujeição relacional, cuja compreensão exige abordagem interdisciplinar.

## Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. Revista História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 79–95, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 3 maio. 2025.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das Letras, 2014.

SOARES Elza [Elza Soares fala sobre "A Mulher do Fim do Mundo"](https://www.youtube.com/watch?v=plHad-Pc0Ss&feature=youtu.be). Available in: <https://www.youtube.com/watch?v=plHad-Pc0Ss&feature=youtu.be>. 2015. Acessado em 12/07/2022.

FEDERICI, Sílvia. **Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Elefante Editora, 2023.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, o corpo e a acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante Editora, 2017.

GALINDO, Maria. No se puede descolonizar sin despatriarcalizar. Teoría y propuesta de la despatriarcalización. Bolívia: Mujeres Creando, 2013.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2011

GUTIÉRREZ, Rachel. **O feminismo é um humanismo: o sentido libertário da luta da mulher**. Antares, 1985.

CLARÉUS, B.; RENSTRÖM, E. A. **Physicians' gender bias in the diagnostic assessment of medically unexplained symptoms and its effect on patient-physician relations**. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 60, n. 4, p. 338–347, ago. 2019. DOI: 10.1111/sjop.12545. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6851885/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

LISPECTOR, Clarice. **Motivo**. In: A descoberta do mundo. *Todas as crônicas*. Organização de Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. p. 42.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Maria Maria**. Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant, 1978.

BARROS, E. L. dos S. **ENTRE DORES: JUDITH E FLORBELA**. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 16, n. 1, p. 11–25, 2018. DOI: 10.9789/1679-9887.2018.v16i1.11-25. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7937>. Acesso em: 20 jun. 2025.

POLI, Maria Cristina. **Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector**. *Psico* (PUCRS), Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 438–442, out./dez. 2009.

SILVA, H. S. & GRANDINO, P. J. (2013). **Reflexões e narrativas (auto)biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas**. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 559- 570.

Spivak, Gayatri Chakravorty et al. **Can the subaltern speak? Reflections on the history of an idea**, p. 21-78, 1988. ST. PIERRE, Elizabeth Adams. The appearance of data. *Cultural Studies? Critical Methodologies*, v. 13, n. 4, p. 223-227, 2013

VALDIVIA, Olívia Bittencourt. **Psicanálise e feminilidade: algumas considerações**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 17, n. 3, p. 20-27, 1997. doi:10.1590/S1414-98931997000300004. Disponível em: *SciELO*. Acesso em: 20 jun. 2025.

VELARDI, Marília; LONGANO, Anna Carolina; ANJOS, Kátia Silva Souza dos; SILVEIRA, Marília Balbi; MATSUO, Renata Frazão; "Nosso País, Nosso Lugar de Fala", p. 105 -120. In: **Teoria Social em Transformação: Dimensões Teóricas e Práticas Sociais de Construção de Saberes e de Relações de Poder**. São Paulo: Blucher, 2023. ISBN: 9786555501971, DOI 10.5151/9786555501971-07. ACESSO: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/07-23884>

VELARDI, Marília. **QUESTIONAMENTOS E PROPOSTAS SOBRE CORPOS DE EMERGÊNCIA: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa**. *MORINGA-Artes do Espetáculo*, v. 9, n. 1, 2018.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2020.

Zorbarzo, Nina. A Força: **O processo de Autodescoberta e a Reconexão com o Poder Pessoal**. Obra independente. 2018